

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE I)
3 e 6 de fevereiro de 2024

THE TERRITORY / 1981

um filme de Raoul Ruiz

Realização: Raoul Ruiz / **Argumento:** Raoul Ruiz / **Diálogos:** Raoul Ruiz e Gilbert Adair / **Fotografia:** Henri Alekan / **Assistente de Fotografia:** Acácio de Almeida / **Música:** Jorge Arriagada / **Som:** Joaquim Pinto e Vasco Pimentel / **Montagem:** Valeria Sarmiento Ruiz / **Interpretação:** Isabelle Weingarten (Françoise), Rebecca Pauly (Barbara), Geoffrey Carey (Peter), Jeffrey Kime (Jim), Paul Getty Jr. (Gilbert), Ethan Stone (Ron), Camila More (Annie), José Nascimento (Joe), Shila (a dona da casa), Artur Semedo (um dos homens do "pic-nic"), Duarte de Almeida (o outro homem do "pic-nic"), etc.

Produção: Paulo Branco para Pierre Cottrell (França), V.O. Filmes (Portugal) e Roger Corman (New World Pictures, EUA) / **Distribuição:** Hors Champ (Paris) e New World Pictures (Estados Unidos) / **Cópia:** 35mm, cor, falada em inglês com legendas em português, 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Apresentado no 10º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, em Setembro de 1981 e na Retrospectiva Raoul Ruiz, organizada pela Ver Filmes, no S. Luiz, em Abril-Maio de 1983.

Com a presença de Valeria Sarmiento na sessão de dia 3

Raoul Ruiz ou Raúl Ruiz (n. 1941 - o primeiro nome já é um galicismo) tornou-se uma das personalidades mais apaixonadamente discutidas do mundo cinematográfico. Longe, normalmente, dos circuitos comerciais (em Portugal, por exemplo, nenhum dos seus filmes foi distribuído até meados dos anos 90) este exilado chileno, fugido a Pinochet e radicado em França desde 1974 (quando já tinha realizado no seu país natal vários filmes e inúmeras peças de teatro), passou a ser a "coqueluche" de certa crítica francesa (e europeia) quando em 1978 estreou **L'Hypothèse du Tableau Volé**, apresentado no Festival de Cannes desse ano (o filme foi exibido na Fundação Calouste Gulbenkian, a 3 de Dezembro de 1980).

Desde então, Raoul Ruiz não tem praticamente parado, numa fecundidade que faz lembrar os realizadores americanos dos anos 40 e 50 (três a quatro filmes por ano), se sublinharmos que a semelhança exclui as condições de produção, quase sempre artesanal, sempre com forte marca de autor (goste-se ou não, é indiscutível a existência dum universo de Ruiz) e sempre partindo de projectos pessoais que uns nos outros se encadeiam. Mais de meia centena de filmes, entre curtas, médias e longas-metragens, e o impressionante balanço duma carreira começada em 1960, tinha o realizador 19 anos.

Em 1979, a Cinemateca Espanhola dedicou-lhe a primeira retrospectiva integral (seguida, em 80, pela do British Film Institute). Em 1983, os "Cahiers du Cinéma" consagraram-lhe um número especial (nº 345, que recomendo a quem queira saber mais), o que só tinham feito, no passado, para Renoir, Welles, Dreyer, Hitchcock, Eisenstein, Godard e poucos mais. Em Portugal, fez-se a retrospectiva a que se alude na ficha técnica. Portugal, como a Holanda, são de resto "terras de eleição" para Ruiz, que, nos anos 80, aqui filmou **The Territory**, **Les Trois Couronnes de**

Matelot (82), **Dans La Ville des Pirates** (83), **Point de Fuite** (83) **Manuel à L'Ile des Merveilles** (84) (este último na ilha da Madeira) e **A Ilha do Tesouro** (85).

O Território é, aliás, a primeira obra de Ruiz inteiramente rodada em Portugal, numa co-produção franco-americano-portuguesa, em que o produtor executivo foi um português (Paulo Branco) e com o concurso de técnicos portugueses e de alguns actores ou não-actores que também o são. Em termos de estrita localização topográfica (se tal termo é válido, aplicado a este filme), a paisagem é Sintra, como qualquer espectador português reconhecerá.

Para lá desse reconhecimento, tudo se perde, já que o território de Ruiz é, por excelência e assumidamente o do labirinto, quer se trate de argumentos originais, quer de adaptações (libérrimas) de Kafka, Melville, Klossowski, Racine, Stevenson, Dostoievski, etc. Estes nomes podiam ser multiplicados por 100 que não se exageraria, de tal modo a obra de Ruiz reenvia a outros textos, como a tanta pintura, tanta música, tantos filmes, etc. O território de Ruiz é também o do museu.

Nada melhor do que duas citações do autor, para ajudar a compreender como, assumidamente, essas imagens são suas.

O labirinto "Segundo o matemático Pierre Rosenstielh, o método de Ariane, a Astuta (Sage) consistia em refazer os passos que tinha dado, no fim de cada exploração de cada novo corredor (...). Pelo contrário, Ariane, a Louca (Folle) continuava a explorar o mais que lhe era possível e nunca voltava para trás. Qualquer das atitudes é coerente e permite descobrir um labirinto.

Cada viajante pode ser considerado como um míope. O limite da sua visão é o do horizonte. Para alargar o seu campo de visão, o viajante precisa dum mapa. Assim, o mapa do labirinto descobre o labirinto. A história da cartografia e a história dum empreendimento de destruição dos labirintos, começado há cinco mil anos. Um labirinto é descoberto, também se pode dizer 'batido', quando cada um dos seus corredores foi percorrido uma vez – e só uma – em cada um dos sentidos".

O Museu "Tenho tendência a ver – e não sou só eu – o mundo como um Museu. Há obras-primas, repetições, ecos. Este é um dos aspectos. É estranhíssima a situação de estar fora da cultura, uma vez que a cultura é supostamente envolvente. Mas – é uma superstição sul-americana – a cultura situa-se 'algures' e todos estamos, pois, no exterior dela. Aproximamo-nos primeiro das obras e, depois, dos homens. Por outro lado, os latinos-americanos são muito europeus, no sentido em que não são nem franceses, nem espanhóis, nem alemães. Têm uma visão de conjunto que pode ser compreendida no pior dos sentidos: dizemos Dante e a 'Divina Comédia', stop, depois Dostoievski e o 'Crime e Castigo', stop, depois Joyce e o 'Ulisses'... É uma visão de conjuntos. Acho que se vê que eu estou fascinado pela história da França. Não foi por acaso que fiz um filme chamado **L'Histoire de France**. Quis tomar contacto com esta visão de conjuntos e com o que há de enganador e fascinante numa visão de conjunto".

Julgo que as duas citações ajudarão o espectador a orientar-se no território que lhe vai ser proposto, se é que o **Território** é um filme para ser compreendido, coisa que o autor é o primeiro a pôr em questão.

No labirinto dos viajantes do filme, há Arianas astutas e Arianas loucas. Há os que querem voltar para trás, e encontram na árvore a inscrição que diz "Kilroy não estava aqui" e os que querem andar sempre para a frente e encontram na árvore a inscrição que diz "Aqui, Kilroy não estava". Há todos os que se perdem e Barbara e o miúdo que voltam ao ponto inicial (a casa, donde também acaba por desaparecer Ron, nesse final "walt-disneyano" que não é das menores surpresas deste filme). Mas a ninguém serviu para nada o mapa em forma de cabeça (a Europa como subdivisão do país e este como subdivisão de província). A cartografia, aqui, não destruiu qualquer labirinto.

E não o destruiu porque os personagens, como as linhas do mapa, estão simultaneamente dentro e fora dele, nesta obra que repete e ecoa tantas outras, desde todas as peregrinações ou relatos de viagem, aos contos de terror, a dezenas ou centenas de filmes. Porque a sua visão é uma visão de conjunto e de conjuntos: labiríntica no sentido espacial, labiríntica no sentido cultural (e em muitos mais).

É este universo consistente? A pergunta, aplicada ao filme, já dá vontade de rir, porque a inconsistência é a base dele. Mas qualquer construção absurda ou gratuita, como é **O Território**, implica-a forçadamente, se não forçosamente. Porque nos temos que interrogar até que ponto o fascínio do jogo e o fascínio da perdição (nossos) foram ou são tão intensos como os do realizador. Ruiz defende-se, consistentemente, dos que o acusam de ser gratuito e de não ter feito mais do que um exercício de estilo (servido pela espantosa fotografia de Alekan, o operador de Cocteau, e um dos maiores operadores do mundo). Dou-lhe mais uma vez a palavra:

“Falar de exercício de estilo é uma forma de tratar um objecto cultural de modo pejorativo. Penso que é muito difícil fazer perceber aos franceses que o que se chama Barroco é uma economia. É um modo de economizar e não de despender. É preciso não confundir Barroco com Róccó, mas antes compará-lo com um restaurante à hora do almoço: um pequeno espaço, onde se mete o maior número de pessoas, para ter o máximo de clientes. É um género de economia que funciona.

A acumulação de citações acaba, no interior duma sequência, por fazer rebentar a situação e transformá-la num objecto natural, real. Sei muito bem que há uma altura em que isso se pode tornar irritante e que é preciso tomar distâncias”.

Na torrente de criação de Ruiz (e a imagem torrencial é a que mais se aplica à sua frenética criatividade) o autor terá sabido sempre guardar essas distâncias? Julgo que não e que **O Território** (ao contrário, por exemplo, de **L’Hypothèse du Tableau Volé** ou de **Les Trois Couronnes du Matelot**) é um caso em que tal aconteceu. Há coisas fulgurantes, há uma imaginação admirável (a qualquer nível do filme, desde a fotografia ao som, desde ao argumento à realização). Mas há, muitas vezes, um lado “irritante”, um carácter alegórico (canibalismo-comunhão, por exemplo) que se sobrepõem ao nível do fantástico. Como o exibicionismo dos adultos se sobrepõe ao esplêndido voyeurismo das crianças (por causa dele, Ron é, na minha opinião, o mais fascinante personagem do filme, com o momento supremo na leitura final do “For Whom the Bell Tolls”).

Mas, na sua perversidade cultivada (não me falem de inocência em Ruiz), **O Território** parece-me um filme bastante minado. Retórica gratuita? Ruiz responde citando Gongora, o qual, quando o acusavam da mesma coisa, objectava: “Mas eu trabalho com matérias nobres, com Horácio, com Virgílio...”. E o realizador acrescenta: “Era assim que se defendia contra a Inquisição”. Estarei a ser demasiado inquisitivo?

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico